

ecologia

Sodoma e Gomorra

A CRISE DOS MERCADOS FINANCEIROS é fonte inesgotável para uma série quase ilimitada de meditações, a maioria das quais amargas e melancólicas.

Nos EUA, apesar das suas insuficiências, o Plano Paulson ainda teve de passar pelo crivo do poder legislativo (Câmara dos Representantes e Senado). Na Europa, depois de uma formação dispersa, as coisas lá foram convergindo. O poder executivo decidiu sozinho, sem consulta dos Parlamentos. Na verdade, os americanos continuam em matéria de democracia a dever tudo à plêiade de agricultores e advogados, humildes e rústicos, que no século XVIII fizeram a primeira revolução republicana, federal e anti-colonial bem sucedida. A Constituição por eles inventada foi capaz de vencer uma guerra civil. E sobreviverá à passagem do furacão mais longo e devastador da história humana, o furacão George W. Bush, que, contra as leis da física, se está a dissipar com velocidade 5...

O QUE ESTÁ A ACONTECER NA UNIÃO EUROPEIA é a maior mobilização de recursos públicos alguma vez reunidos em tempos de paz. Se somarmos tudo o que os Estados puseram no terreno, desde a compra de acções «tóxicas», *made in USA*, até ao aval de empréstimos interbancários (para vencer a crise de «confiança» entre quem faz do engano e da trapaça método de negócio) atingiremos a fabulosa quantia de 1 500 000 000 000 de euros (1 500 biliões, usando a nomenclatura anglosaxónica).

Os restos mortais de Karl Marx, situados muito perto do gabinete de Gordon Brown, devem estar a remexer-se no túmulo. Afinal a «classe dominante» existe mesmo. Quando, no futuro,



os serviços secretos americanos disponibilizarem aos historiadores as gravações das chamadas de telemóvel e das mensagens electrónicas trocadas entre políticos, banqueiros e especuladores da bolsa, iremos todos retirar, precipitadamente, os dois volumes do *Das Kapital* da estante. Esses telefonemas mostrarão que duas ou três centenas de pessoas, 98% das quais do género masculino, que frequentaram as mesmas universidades, que fundeiam os veleiros nas mesmas marinas, que jogam ténis e golfe nos mesmos clubes, que escondem abrasadoras estórias de namoradas cruzadas, trocadas ou partilhadas, resolveram, num ápice, avançar com os impostos e as poupanças de mais de 400 milhões de cidadãos, evidentemente para salvar a economia europeia, e, de caminho, para «salvar o sistema», como suplicava o *Economist*, na sua última edição.

É caso para dizer, invertendo a tirada de Churchill: «Nunca tão poucos ficaram a dever a tantos»...

COMO O LEITOR JÁ PERCEBEU, o autor destas linhas considera que o Rubicão foi atravessado e que, só por mero acaso, o futuro trará algo de bom, como consequência desta «corajosa coordenação de políticas.» Do ponto de vista ético tudo isto é de uma absoluta miséria. Alguém ouviu falar de res-

ponsabilização criminal de gestores e especuladores corruptos? Alguém sentiu os governos interessados em colocar na cadeia os inventores de uma série de vírus financeiros, como o *sub-prime*? Alguém vislumbrou uma carta de princípios capaz de, doravante, regular a globalização financeira a favor do interesse público? Alguém escutou alguma anunciada reforma das competências dos bancos centrais, que deixaram de cumprir o seu papel de impedir que a massa monetária (incluindo a virtual) seja superior à da riqueza real das economias concretas? Quem é que deseja ver na cadeia os

amigos da Universidade ou do clube?

Em Dezembro próximo, se a tempestade financeira tiver acalmado, e a aflição tiver passado dos 200 banqueiros para os agricultores, pescadores, operários e lojistas desempregados - esses milhões que não têm acesso ao telemóvel dos poderosos - veremos, no Conselho Europeu, países como a Alemanha, a Polónia e a Itália recusarem o «pacote energia e alterações climáticas», proposto pela Comissão Europeia e aprovado pelo Parlamento Europeu. O argumento para recusar as responsabilidades ambientais da União Europeia vai situar-se na recusa de investir uns míseros 90 biliões de dólares (numeração anglosaxónica) a aplicar na modernização tecnológica dos sectores industriais mais poluentes, daqui até 2020.

Temos 1 500 biliões, numa semana, para salvar «o sistema» financeiro, e não temos 90 biliões em 12 anos para salvar o Planeta onde os nossos filhos vão viver! O Antigo Testamento conta uma situação parecida, nas cidades de Sodoma e Gomorra. O desfecho que o futuro reserva aos Europeus talvez não venha a ser muito diferente daquele que conheceram os Cananeus...